

“PERDER-SE TAMBÉM É CAMINHO”¹: A DIMENSÃO ESPACIAL DA JUVENTUDE²

Clarice Cassab³

Juliana Thimóteo Nazareno Mendes⁴

“Aos poucos ela não saberia se olhava a imagem ou se a imagem a fitava porque assim sempre tinham sido as coisas e não se saberia se uma cidade tinha sido feita para as pessoas ou as pessoas para a cidade — ela olhava” (Clarice Lispector).

Resumo: O trabalho tem foco nas formas de uso e apropriação da cidade por jovens pobres de Juiz de Fora e Campos dos Goytacazes. A partir de um estudo comparativo, o presente trabalho apresentará as imagens e representações que os jovens constroem de seus bairros e da cidade. Parte-se do preceito de que pela (im)possibilidade de circulação, definindo itinerários, os jovens vão experimentando a cidade de forma mais ou menos restrita.

Palavras-chave: Juventude, cidade e circulação

“LOOSE YOURSELF IS A WAY TOO”: THE SPATIAL DIMENSION OF THE YOUTH

Abstract: The job is focused on the forms of use and appropriation of the city by poor youngs from Juiz de Fora and Campos dos Goytacazes. From a comparative search, the present job will show the images and representations that the youngs build up from their communities and towns. It begins from the concept for the circulation possibility or impossibility through easy definition, the youngs experiment the town by a more or less restrict way.

Key words: yongs, city, circulation.

¹ Do livro Cidade sitiada de Clarice Lispector

² Esta pesquisa contou com a bolsa de iniciação científica do PIBIC/CNPq, do BIC/Propesq/UFJF e de bolsista do Programa de Apoio Estudantil da UFF.

³ Doutora em Geografia pela Universidade Federal Fluminense e Professora Adjunta da Universidade Federal de Juiz de Fora.

⁴ Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora e professora assistente da Universidade Federal Fluminense.

Introdução

Em seu livro *Cidade sitiada*, Clarice Lispector lembra aos leitores que perder-se é, também, uma forma de encontrar-se. É assim que, neste trabalho, perder-se nas ruas da cidade é uma forma de encontrá-la. Todavia, para perder-se é necessário estar nela, dando-lhe vida, experimentando-a através da circulação por suas ruas, avenidas, praças e bairros, corporificando a cidade não apenas como obra material, mas, também, como experiência política.

É sob essa perspectiva que se busca incorporar, na análise sobre a juventude, uma dimensão espacial que dê conta de compreender o espaço como a síntese, permanentemente provisória, entre o conteúdo social e as formas sociais. Conteúdo e forma que pressupõem a existência da ação realizada por sujeitos que transformam não apenas o espaço, mas também a si mesmo. Daí a impossibilidade de se pensar o espaço desassociado da sociedade, pois é o homem que “anima as formas espaciais, atribuindo-lhe um conteúdo, uma vida” (SANTOS, 1996, p.88).

Será entendendo o ato de produção do espaço como um ato de produção da vida (sendo condição e meio para sua realização) que este trabalho pretende compreender como se constitui a dimensão espacial da juventude a partir das formas de uso e apropriação que os jovens fazem de duas cidades médias: Juiz de Fora (localizada na Zona da Mata Mineira) e Campos dos Goytacazes (localizada na região Norte Fluminense)⁵.

O foco está no desvelamento das formas de apropriação da cidade pelos jovens pobres residentes nos municípios citados, tendo como ponto de partida suas experiências cotidianas na e pela cidade, a partir da circulação e mobilidade. Isso porque, entende-se que as relações sociais, em suas múltiplas esferas, concretizam-se nos lugares onde se realizam a vida: no emprego, no bairro, na casa, nas festas etc.

Para tanto, a metodologia utilizada centrou-se num estudo comparativo, em que foram pesquisados vinte jovens em cada cidade. Primeiramente, foram selecionados dois bairros considerados pobres pela população de cada cidade e, em seguida, realizado o contato com os jovens que aderiram voluntariamente à pesquisa.

Os jovens responderam um primeiro questionário contendo perguntas objetivas que permitiram traçar o perfil dos participantes e levantar os equipamentos urbanos consumidos, os locais freqüentados e não freqüentados da cidade, as razões de sua circulação ou não circulação por determinados locais e a forma como circulam e consomem o espaço urbano

⁵ O trabalho é fruto da pesquisa "Jovens e cidade: um estudo comparativo em cidades médias", desenvolvida pelo NuGEA - Núcleo pesquisa Geografia, espaço e ação, vinculado à UFJF.

(sozinhos, em grupo de amigos, com familiares etc.).

Posteriormente, foram convidados a participarem de um pequeno grupo para responderem e discutirem questões relacionadas às imagens que possuíam do bairro e da cidade em que vivem e o que é ser jovem nesses espaços. Com isso, foi possível compreender as formas como os jovens produzem e reproduzem o espaço a partir de suas múltiplas práticas sociais.

O estar e o circular dos jovens pobres nas cidades de Juiz de Fora e Campos dos Goytacazes.

O município de Campos dos Goytacazes está localizado no estado do Rio de Janeiro, na região Norte Fluminense. De acordo com o Censo de 2010, o município possui 463.545 habitantes, sendo que 90,2% desses habitantes residem na área urbana e 9,8% na área rural. Tais percentuais demonstram que, apesar de Campos ter se constituído economicamente através da produção de cana-de-açúcar, a crise desse setor e o advento da extração do petróleo contribuíram para que, ao longo do tempo, a população fosse deixando a área rural e se fixando na área urbana em busca de novos postos de trabalho.

Entre meados dos séculos XVIII e XX, Campos figurava entre os três maiores municípios produtores de cana-de-açúcar do Brasil e como pólo articulador da região Norte Fluminense, em função de sua importância econômica e política. Porém, a partir da segunda metade do século XX, iniciou-se um processo de estagnação da cidade, resultante da ausência de diversificação produtiva e da falta de industrialização, combinados com o aprofundamento da concentração econômica e o aumento da pobreza (CRUZ, 2003).

Atualmente, a maior riqueza de Campos está concentrada na produção de petróleo e gás⁶. Porém, outros setores também são importantes, como as indústrias de cerâmicas e as usinas de produção de açúcar e álcool (seis das sete usinas do estado estão em Campos).

Assim como Campos, Juiz de Fora também passou por um movimento de dinamismo e de perdas econômicas. Historicamente, a cidade tem se consolidado como centro regional da Zona da Mata Mineira, caracterizando-se pela oferta de serviços e pela presença razoável de indústrias, além da polarização de uma área agrícola formada por alguns

⁶ A Bacia de Campos é responsável, hoje, por 75% da produção nacional de petróleo. Porém, é importante ressaltar que há dois anos, Campos respondia por mais de 80% da produção. Isso demonstra que vem ocorrendo uma retração da exploração do petróleo na Bacia e automaticamente, a redução do royalties recebidos pelo município. Essa redução chegou a 100 milhões de reais no último ano. (Jornal Folha da Manhã, 12 de fevereiro de 2012).

municípios de sua região. Mas esse movimento não se realizou de forma constante e contínua. Ao contrário, foi marcado por períodos de ganhos e perdas na dinâmica da cidade em sua estrutura urbana e regional. Mais recentemente, buscando sair da crise econômica marcada pelo declínio de sua base industrial especializada nos setores tradicionais (têxtil e metalurgia), Juiz de Fora tem redefinido sua função urbana ao investir numa economia centrada no setor terciário.

Atualmente a cidade possui 516.247 habitantes, concentrados em sua área urbana, sendo que a grande maioria é composta por jovens na faixa entre 15 e 24 anos. Essa concentração é o resultado do intenso processo de envelhecimento de sua população. Já em 2000, era possível perceber o agrupamento de indivíduos nessa faixa e uma redução nas faixas que compõem a base da pirâmide. O Censo de 2000 apresentou para Juiz de Fora um total de 84.080 jovens entre 15 a 24 anos. A pirâmide de 2010 veio a reforçar o perfil jovem da população da cidade. Neste último Censo, o número de jovens passou para 87.790, sendo que 43.782 são homens e 44.008 são mulheres.

Também em Campos dos Goytacazes, o crescimento da população jovem foi intenso, exigindo, com isso, a urgência de se olhar para a condição juvenil. Em 2000, de acordo com o Censo, Campos possuía 406.989 habitantes, sendo que 77.932 eram jovens com idade entre 15 e 24 anos, representando 19,14% da população. Em 2010, a população jovem passou a representar 23,45% da população.

Quanto aos jovens pesquisados, de maneira geral, o perfil dos entrevistados, no conjunto das duas cidades, caracteriza-se por ser predominantemente composto por jovens negros, com baixa escolaridade e baixa renda familiar. Além disso, do total de jovens entrevistados, poucos possuem emprego formal e/ou renda própria.

Quando perguntado aos jovens de Juiz de Fora como eles viam a sua cidade, duas imagens foram expressas. A primeira, associada à tranquilidade, segurança e oportunidade. A segunda, construída pelo inverso, ou seja, a partir de uma imagem de insegurança e de poucas oportunidades.

No primeiro caso, as imagens positivas da cidade são construídas a partir da comparação com a realidade de outras cidades, o que pode ser exemplificado em uma das falas recolhidas:

geralmente, (...) entre outras cidades, Juiz de Fora é uma das melhores, né? Tem tudo ok, assim, toda cidade tem o seu problema, mas Juiz de Fora é uma das melhores que eu acho. E eu já fui pra outras cidades também e uma das melhores é aqui.

Menos violência, maior tranquilidade e oportunidades de emprego e de lazer são alguns dos elementos que, na fala dos jovens, fazem com que Juiz de Fora seja uma boa cidade para se viver. Notou-se, contudo, que a construção dessas imagens está diretamente associada à posição da cidade na rede urbana nacional e regional.

Assim, quando comparada às cidades grandes, Juiz de Fora é destacada pelos jovens por seus baixos índices de violência, o que resulta no fato de ser uma cidade mais tranquila.

É, em todo lugar tem mortes, assassinatos, muitas coisas, roubo. Mas se colocar nas pesquisas de hoje, ela (Juiz de Fora) ainda está na frente, é uma das cidades que tem menos assassinatos de jovens e adultos. É só colocar cidades como Goiânia, Belém, esses tipos de cidades assim, tem muito mais mortes entre jovens... (Como) São Paulo e Rio de Janeiro.

Além dessa característica, os jovens ressaltam a maior oportunidade que a cidade tem quando comparada a cidades menores: "É uma cidade que oferece uma boa qualidade de vida porque tem muitas universidades, várias indústrias, várias empresas (...), bastante emprego. Então acho que é uma cidade muito importante no nosso estado de Minas Gerais".

Essa relação da cidade com os municípios menores de seu entorno é percebida por alguns dos jovens entrevistados: "Várias outras cidades são interligadas à nossa, porque vêm pessoas de várias outras cidades estudar, trabalhar, e que fazem parte também da cidade". Dessa dinâmica, os jovens projetam uma imagem positiva da cidade, pois "algumas pessoas acabam mudando para cá e tudo isso tem gerado mais emprego, mais comércio", isto é, "virando um grande pólo (...) de Minas Gerais", cuja consequência é que "seja bem vista por vários investidores, o que ajuda muito a cidade a crescer e melhorar a vida de sua população".

Já os jovens de Campos dos Goytacazes, embora tenham reconhecido o fato de ser uma cidade rica por conta dos *royalties* do petróleo⁷, salientaram que em função da má administração desses recursos, esses não são utilizados de forma adequada, resultando em desemprego, déficit na saúde, na educação etc. A consequência, segundo os jovens, seria uma cidade "pouco desenvolvida". Assim expressam que "a cidade de Campos pode ser melhor, pois possui muito dinheiro, e não (se) investe na cidade", que, "apesar de muito rica (...), é pouco desenvolvida e não tem oportunidade de bons empregos para os seus moradores".

Estas percepções são conseqüências do processo de desenvolvimento local. Em 2008, Campos estava entre os vinte municípios mais ricos do país, ocupando a 14ª posição no ranking nacional. Em 2010 recebeu dos *royalties* 1, 2 bilhões de reais. Porém, em pesquisa realizada pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro - Firjam, que mediu o Índice de

⁷ Em 2009, os *royalties* representavam 62, 9% das receitas correntes do município.

Desenvolvimento Municipal em 2011, o município de Campos não apareceu entre as 100 cidades com os melhores índices. Os fatores que contribuíram para isso foram a baixa qualidade da educação pública e dos serviços de saúde, entre outros.

Em Campos dos Goytacazes, os jovens estão expostos a um quadro de desemprego e de subemprego que marca o mercado de trabalho da cidade. Imensa parcela de sua força de trabalho é altamente desqualificada para as novas atividades econômicas regionais advindas da ampliação do setor petrolífero e dos grandes investimentos industriais do Porto do Açu⁸. Com isso, parte significativa da força de trabalho vive de biscates e mora em favelas e loteamentos clandestinos. De acordo com Lima, Pontes e Damasceno, em Campos, aproximadamente 21.300 jovens, com idade entre 18 e 29 anos, encontram-se "à margem dos setores produtivos: sem profissão, desempregados ou inseridos em subempregos, com baixa escolaridade e/ou analfabetos funcionais" (LIMA, PONTES E DAMASCENO, 2011, p. 4).

A questão do desemprego é um ponto comum entre os jovens de ambas as cidades. Também, em Juiz de Fora, esse foi um dos problemas levantados pelos entrevistados. Preocupação que se fundamenta quando se considera o baixo crescimento do emprego formal na cidade. Segundo dados da Fundação João Pinheiro, o crescimento médio anual do emprego formal na cidade varia entre 3,5 a 6,2%. A microrregião de Juiz de Fora apresenta crescimento de sua ocupação abaixo da média de Minas Gerais, que foi de 4,9% ao ano. Fortemente influenciada pelo município de Juiz de Fora, que concentra 75,6% da mão-de-obra ocupada no setor formal, na microrregião de Juiz de Fora esse percentual foi de 3,6% ao ano. Já o crescimento médio anual do município de Juiz de Fora foi de apenas 2,2%, sendo que no setor de serviços se concentra o maior percentual de empregos (53,9%). Quanto à participação de Juiz de Fora no PIB estadual, essa passou de 3,17% em 2000 para 2,53% em 2008. Movimento de queda que tem se apresentado de maneira constante ao longo dos anos. Essa breve amostragem parece justificar as inquietações dos jovens ao afirmarem que "o que tem de ruim na cidade é o desemprego".

Por fim, diferentes dos jovens de Juiz de Fora, que enfatizaram a grande oferta de lazer expressa na existência de bares e eventos festivos, para os de Campos a ausência de opções de lazer foi apontada como elemento negativo da cidade. A ênfase no lazer pode ser explicada a partir de dois aspectos. De um lado, em função da faixa etária dos jovens entrevistados, já

⁸ O Porto do Açu é um complexo industrial formado por um terminal portuário privado de uso misto, que está sendo instalado no município de São João da Barra (cidade próxima a Campos). A área do Porto é de 7,8 mil hectares, com estrutura *offshore* com até 10 berços para atracação de produtos como minério de ferro, granéis sólidos e líquidos, carga geral e produtos siderúrgicos, além de um pátio logístico

que a grande maioria deles se encontra na faixa de 17 a 20 anos, idade na qual os jovens possuem maior autonomia para saírem em busca de lazer. Do outro, a própria centralidade que o lazer tem para a construção de algumas sociabilidades juvenis. Conforme Abramo,

(...) o lazer para os jovens aparece como um espaço especialmente importante para o desenvolvimento das relações de sociabilidade, das buscas e experiências através das quais procuram estruturar suas novas referências e identidades individuais e coletivas. É um espaço menos regulado e disciplinado que o da escola, do trabalho e da família. O lazer se constitui também como um campo onde o jovem pode expressar suas aspirações e desejos e projetar um outro modo de vida. Podemos dizer assim, que é uma das dimensões mais significativas da vivência juvenil (ABRAMO, 1994, p. 62)⁹.

Para os jovens de Juiz de Fora, eventos festivos e idas a bares representam as formas mais usuais de lazer. Já entre os jovens entrevistados em Campos, o que se verificou foi que esses, na sua maioria, buscavam o lazer através de atividades que pudessem ser realizadas em casa ou no próprio bairro, como conversar na praça, participar de movimentos religiosos, ouvir música, ver televisão e acessar a internet em casa ou na casa de vizinhos.

O que se verificou em ambas as cidades é que idas ao teatro e cinema, bem como uso de bibliotecas, embora citadas, apareceram com menor frequência. Isso porque pressupõe não só o dispêndio de um recurso financeiro considerado por eles alto, como também o deslocamento do bairro em que vivem. Esse último se torna um problema, pois os bairros são afastados dos lugares onde essas atividades acontecem e o transporte coletivo precário é um obstáculo.

Porém é importante ressaltar que a distância e o valor do transporte não foram citados pelos jovens de Campos como um impedimento. Percebeu-se que eles não frequentam determinados espaços porque não se sentem parte deles. Sobre isso, Barbosa (2011) afirma que os jovens pobres circulam muito pouco pela cidade, porque há uma distinção territorial da cidade gerada pela desigualdade social. A partir de Walter Benjamin, ele demonstra que a cidade não é só um conjunto de objetos e ações, mas também significados, ou seja, signos que precisam ser decifrados. Assim, ter acesso a cidade pressupõe a leitura destes signos. Dessa forma, na maioria das vezes, o que impede os jovens de acessarem determinados espaços e equipamentos são os códigos impressos nestes lugares.

Diante das dificuldades de circulação e apropriação da cidade, o que se nota é que muitas representações que os jovens têm de suas cidades são construídas a partir das

⁹ Ressalva-se, contudo, que embora haja concordância quanto à importância do lazer para a compreensão da juventude e dos jovens, entende-se que ele não é o único elemento estruturante das sociabilidades juvenis. Em outro texto (CASSAB, 2007), destacou-se a importância do trabalho como um elemento central.

imagens que possuem de seus bairros. De acordo com os dados da pesquisa, todos os bairros estudados podem ser caracterizados pela baixa qualidade dos serviços públicos, como saúde, educação e saneamento básico. Para os jovens de Campos, essa realidade é expressa de maneira mais clara. Alguns afirmam que "o bairro tem muitos terrenos baldios, ratos, baratas, mosquitos e formigas e não tem esgoto sanitário. Aqui nós utilizamos fossa". "O bairro onde moro parece uma favela, com muitas ruas esburacadas, casas quebradas, colégio de marginal. As crianças que entram lá saem como marginal". Na maioria das vezes, os jovens se referem ao bairro negativamente. "O bairro é violento, sujo, as pessoas são fofoqueiras, pra quem gosta de entornar, encher a cara de bebida e enfiar o pé na jaca, tem muita coisa, mas pra gente que gosta de um programa mais família é mais difícil".

Em Juiz de Fora, embora reconhecida a pouca oferta de equipamentos e de serviços, o principal fator negativo apontado pelos jovens foi a violência. Assim, por exemplo, no que toca a queixa da falta de segurança na cidade, os jovens construíram uma ligação com os próprios espaços de seus bairros quando trataram da violência, da interferência do tráfico e do uso de drogas e das brigas entre seus bairros e os "bairros rivais". Expressas em falas que sinalizavam a existência do tráfico de drogas em seus bairros ou nas que exemplificavam situações de conflito com jovens de outros bairros considerados rivais, ou ainda casos de assassinatos¹⁰.

Dessa forma, com diferentes centralidades, seja em Juiz de Fora ou em Campos, em todos os bairros, os jovens apontaram para a falta de equipamentos de lazer, como cinema, teatro, esportes etc. e o alto índice de violência, em função da presença do tráfico de drogas, como aspectos negativos de seus bairros e da cidade.

Em Campos, como pontos positivos, os jovens relataram que o comércio é bom, oferecendo vários tipos de serviços e produtos. Essa percepção demonstra que os bairros periféricos vão se estruturando de forma a oferecer determinados tipos de serviços e produtos que facilitam o dia-a-dia dos moradores, tornando quase que desnecessário o deslocamento até o Centro. Destaca-se que os pontos positivos estão relacionados às necessidades de consumo imediato de bens e produtos, pois no que se refere aos serviços públicos, estes foram colocados como precários e até mesmo inexistentes. Essa realidade não é experimentada em Juiz de Fora, pois as atividades de serviços e comércios concentram-se, na sua grande maioria, no centro da cidade.

Apesar das imagens negativas, os jovens de Juiz de Fora afirmam gostar de seus

¹⁰ Enfatiza-se, contudo, que não é possível construir uma relação direta entre violência e bairros pobres. A questão da violência precisa ser compreendida a partir de um debate mais amplo que seja capaz de construir as mediações necessárias a seu entendimento. O que não será possível no âmbito desse texto.

bairros, pois "já conhecem todo mundo, sei onde posso ir". Na cidade de Campos dos Goytacazes, um número significativo disse não gostar do local onde moram, tendo o desejo de mudarem para outros bairros e até mesmo para outras cidades, em busca de melhores condições de vida. Os que afirmaram gostar do bairro, o fizeram por lá estarem seus familiares e amigos, bem como ter acesso aos serviços que precisam.

Assim, percebe-se que é o bairro o lugar de cotidiano, das experiências e da construção de práticas coletivas, constituindo-se como uma parcela conhecida do espaço urbano. Para Lefebvre (1975), o bairro é o pedaço da cidade atravessado por um limite que distingue o espaço público do privado, sendo o resultante da sucessão dos passos de seus habitantes, significado pelo vínculo orgânico que tem com suas casas. Nessa medida, é o lugar de uma sociabilidade assentada no compartilhar de referências objetivas e simbólicas comuns. É por essa razão que o bairro é o "espaço de uma relação com o outro como ser social. É sempre uma relação entre uma pessoa e o mundo físico e social. É organizador de uma estrutura inaugurável e mesmo arcaica do "sujeito público" urbano pelo pisar incansável porque cotidiano" (MAYOL, 1996, p. 41).

É a partir do bairro que os jovens iniciam seu movimento pela cidade, definindo os lugares que podem ou não frequentar, desenhando seus caminhos e suas escolhas. Ele é o ponto de inflexão para a análise da apropriação da cidade, já que é no bairro, em sua relação com a cidade, que se vive o cotidiano e onde as experiências se realizam¹¹.

Mas para onde, por que e com quem esses jovens circulam? Quais os sentidos que para eles tem o circular pela cidade? Em Juiz de Fora, a maioria dos jovens respondeu que costuma andar pela cidade em busca de situações de lazer ou de serviços que não são oferecidos em seus bairros de origem, como unidades de saúde, bancos, dentre outros.

Já no caso de Campos, a circulação pela cidade é ínfima se relacionada à busca por equipamentos culturais e de lazer, sendo ampliada quando refere-se à busca por educação e trabalho. Os jovens afirmaram que circulam pela cidade, em especial pelas áreas centrais, para estudarem, terem atendimento na área de saúde e adquirirem bens de consumo (vestimentas, alimentos e medicamentos). Também são para as áreas centrais que se direcionam os que trabalham. Já em Juiz de Fora, os jovens disseram circular com frequência pela cidade tendo,

¹¹ Contudo, é importante enfatizar que para Lefebvre (1975) o bairro deve ser compreendido e analisado na medida em que é definido a partir da cidade entendida como totalidade. Ou seja, a compreensão das relações que os jovens tecem pela cidade a partir de seus bairros pressupõe o entendimento da existência histórica-concreta dos bairros na cidade. O bairro não é uma unidade autônoma e atemporal. Sua produção, sua organização e sua expressão são resultantes das formas e dos processos históricos de constituição da cidade como totalidade.

nos bairros próximos aos seus e no centro, os principais locais de destino. Na grande maioria, a circulação é feita em companhia de amigos e familiares também residentes nos bairro de origem.

Em ambas as realidades estudadas, dois fatores se destacam como impeditivos à circulação dos jovens. Um é resultante das diferenciações de renda. Uma jovem de Juiz de Fora relata o custo que seria ir a um local específico da cidade, distante de seu bairro: "Lá no Sesi é uns 10 reais. Aí você vai gastar condução para ir e voltar. Aí, tarde da noite você não vai pegar ônibus que não vai ter mais. Você vai ter que gastar táxi de lá até aqui". Para a jovem, o custo para o deslocamento é o que explica, em grande medida, sua pouca circulação pela cidade. Com clareza outro jovem afirma:

Lugar de classe média alta as pessoas tem condição de ir pra outro lugar, não fica tanto no mesmo bairro. Aqui o pessoal já é mais pobre, tem que ficar aqui, porque não tem condição de ir toda semana em uma cidade, shopping, essas coisas. Não é igual a uma pessoa que tem dinheiro, entendeu?

O segundo fator é produto da restrição imposta pela violência. Tanto em Juiz de Fora quanto em Campos, muitos foram os que relataram evitar a circulação pela cidade em função do perigo de brigas com bairros rivais e/ou com o tráfico de drogas. No caso de Campos, os bairros onde residem são demarcados pelo tráfico de drogas, fazendo com que moradores de um bairro sejam impedidos de circularem em outros. É o que se percebe na fala de uma das entrevistadas: "Não vou naqueles que o pessoal do meu bairro não pode ir, como a Farofa e outras favelas da cidade".

Já em Juiz de Fora, a violência refere-se, fundamentalmente, às brigas entre bairros rivais. Essa rivalidade limita a circulação de alguns jovens que evitam ir a lugares que sabem que serão recebidos de forma violenta, pois "os meninos daqui brigam com os meninos de outros bairros". Mas não foi apenas a violência física que apareceu em suas falas. Também a simbólica é expressa quando são sinalizados os motivos que fazem com que esses jovens não frequentem certos bairros da cidade considerados de classe média alta e alta. Assim, perguntados como se sentiam neles, responderam "desconfortáveis", pois "a gente é de outra classe. Eles passam perto da gente como se a gente não fosse nada". Diz uma jovem: "Eles são muito diferentes. Eles te esnobam". Aqui, os símbolos e os códigos estão expressos também no corpo dos jovens e dos sujeitos que os recebem.

É importante destacar que outras variáveis entram na limitação da circulação. Durante

as entrevistas, evidenciou-se uma diferença na forma de perceber o bairro e a cidade entre os jovens, homens e/ou mulheres, com ou sem filhos. Para as jovens, a circulação é menor e ainda mais restrita ao seu bairro. Fato potencializado se uma jovem também é mãe, pois seu olhar sobre a cidade e sobre o bairro é atravessado pela maternidade. Isso porque, ao se referir a esses locais, o ponto de análise é a opção de lazer para a família e o atendimento aos filhos nas áreas de educação e saúde. Já os jovens homens, chefes de família, além de olharem para o bairro e a cidade sob a ótica do que lhes são oferecidos como opção de lazer, também tiveram como referência central as (não) oportunidades de qualificação profissional e de trabalho.

Outro aspecto a ser considerado é que a circulação na cidade e a sua apropriação podem ser condicionadas pelo envolvimento dos jovens com movimentos religiosos. No entanto, essa relação aparece de maneira distinta para os jovens de Campos e Juiz de Fora. Dentre os primeiros, foi possível perceber que a participação em eventos religiosos propicia uma maior circulação pela cidade, como ilustra o depoimento de um jovem: "Como faço parte da Igreja Batista, eu vou em muitos bairros por causa dos cultos". Já entre os evangélicos entrevistados em Juiz de Fora, suas crenças e práticas religiosas constituíam-se como um fator de restrição à mobilidade pela cidade. Muitos jovens, homens e mulheres, afirmaram: "Não vou a bares porque sou evangélica", e, ainda, "só vou só quando tem baile evangélico, que os caras reúnem as igrejas".

Por fim, dentre os jovens que trabalham, a circulação é restrita pelo pouco tempo livre. Diz um dos jovens de Juiz de Fora: "Ah, eu não tenho muito tempo para andar pela cidade não, porque eu só tenho uma folga, e tipo assim, eu trabalho lá em Santa Cruz. Na hora que eu acabo lá, para ir para outros lugares é mais difícil, é mais cansativo, entendeu?". Em Campos, um jovem afirmou: "Ando pouco durante a semana, costumo ir ao Centro, que é onde trabalho. Alguns finais de semana eu vou ao shopping e a bares com amigos."

Percebe-se claramente que a questão de gênero, a inserção dos jovens em movimentos religiosos e o tempo dispensado ao trabalho são três elementos a serem considerados na discussão sobre a apropriação desigual da cidade. No entanto, em função dos limites deste texto, não serão aqui desenvolvidos.

Contudo, seja entre os jovens que afirmam circular pela cidade ou entre aqueles que alegam sua pouca mobilidade, há um sentido positivo da importância do circular, representado nas idéias de liberdade, encontro e conhecimento. A liberdade de circular pela cidade potencializaria o encontro que, por sua vez, promoveria o conhecimento. Para um

jovem, circular pela cidade:

é a liberdade. É poder entrar, conversar com várias pessoas e sempre ter a cabeça erguida. Isso é muito bom. Você pode andar, conversar com todas as pessoas (...). Você acaba convivendo com pessoas que estão vivendo o que você está vivendo". Mas é também a possibilidade de conhecer "todo esse processo que a gente vive (...), porque ficar dentro de casa a gente não entende como que a gente está vivendo .

Para os jovens, a rua representa o desconhecido que ora parece convidar à aventura e à descoberta e ora parece aterrorizar. Talvez seja nesse sentido que em suas falas a rua conote tanto um lugar de encantos quanto de perigos - nesse caso, brigas entre bairros rivais, tráfico de drogas, violência policial e violência simbólica são alguns dos elementos que, para os jovens entrevistados, inibem sua presença na rua. É dessa forma que a rua aparece aos jovens tanto como a possibilidade do novo, do inusitado, campo de surpresas e experiências, lugar de encontro e distração, atrativa em sua dimensão do uso, quanto local a ser evitado. Nesse último caso, a rua deve ser apenas a via de passagem, representada apenas como necessária para o deslocamento da casa ao trabalho, da casa à escola ou ainda da casa à igreja. Evitando-se a troca de experiências e vivências, as relações e as aglomerações. Diz um dos jovens entrevistados: "Eu não saio. Vou da casa para o trabalho".

É nesse sentido que para Lefebvre, a rua, na sociedade urbana capitalista, "não permite a constituição de um grupo, de um 'sujeito', mas se povoa de um amontoado de seres em busca: De quê? O mundo da mercadoria desenvolve-se na rua" (LEFEVBRE, 2004, p.30). O tempo gasto na rua é, portanto, apenas o tempo para a circulação da mercadoria.

Entende-se, contudo, que a rua pode e deve ser mais do que isso. Ela é o lugar do uso e não apenas da troca, pois é no sentido do perder-se, de se colocar na rua que o diferente e o desconhecido se tornam uma descoberta. Na imagem do *Flâneur*, de Benjamin, a necessidade da mobilidade, ao percorrer a cidade na procura de intensas sensações é o vivo interesse pelo espetáculo da cidade. É nela que os jovens podem perceber as diferenças e relacionarem-se uns com os outros. A rua é o espaço público por excelência. Por elas os sujeitos passam, mas também observam e vivem a cidade em todas as suas dimensões - simbólicas e objetivas.

Considerações Finais

Já é unânime o entendimento da necessidade de se pensar a juventude de forma plural.

Juventudes são muitas já que ela não é vivida da mesma maneira por todos. A experiência da juventude está condicionada à classe social, ao acesso aos bens públicos e culturais, e ao local de moradia, a inserção no mundo do trabalho etc. O que se pretendeu neste trabalho é afirmar a dimensão espacial da juventude. Isto significa a importância de abordá-la também como produtora e reprodutora do espaço. Movimento duplo que se dá a partir de suas ações, de sua mobilidade, de suas falas e gestos, da relação que estabelecem com os bairros e com a cidade, dos usos que instituem com e no espaço urbano e com a cidade. A juventude produz espaço e é, também, condicionada pelas formas pelas quais este espaço é socialmente produzido e organizado.

Nesta pesquisa, foi através da identificação e compreensão das imagens, usos e mobilidades que os jovens têm em suas cidades que se buscou entender qual é a dimensão espacial da construção da juventude. O que se notou é o caráter desigual e diferente das juventudes em sua dimensão espacial.

Diferente em sua diversidade. Neste caso, a diferença é positivada pois

na diferença não cabe a hierarquização, uma vez que ela deve ser compreendida no sentido da alteridade, o que, por sua vez, apenas ocorre quando há interações, trocas, contato entre grupos diferentes. O que significa afirmar que a diferença se realiza quando confrontada com outra identidade na troca e no contato. Existir socialmente é ser percebido como diferente e nesse sentido a diferença pode ser compreendida no terreno da atribuição do status da cidadania (CASSAB, 2010, p. 36).

Contudo, a dimensão positiva da diferença não é experimentada pelos jovens pobres, pois, para eles, a diferença é negatizada e vista como algo perigoso. Por essa razão, seu circular ruidoso pela cidade, sua forma de se vestir ou se expressar, sua fala, seus gostos, e tantas outras estratégias de afirmação e mobilização desses sujeitos precisam ser contidos e vigiados.

A negatização das diferenças resulta e é resultante da própria condição de desigualdade. Nesse caso, ao contrário da diferença, a desigualdade é

definida a partir de um parâmetro comum e classificatório, vislumbra a possibilidade da hierarquização e é, em muitos casos, resultante de posições distintas na organização social do processo de produção. Concebida, portanto, no campo das disparidades socioeconômicas e das condições de acesso a recursos materiais e simbólicos, incluindo também o plano da garantia de direitos sociais e políticos da juventude” (CASSAB IDEM).

É assim que as condições de desigualdade as quais estão sujeitos produzem e reproduzem – no movimento dialético da produção do espaço – as formas de distinções

espaciais. Na cidade fragmentada pela lógica mercantil e pelo ordenamento do Estado, vão se definindo os lugares onde os jovens são ou não tolerados. Processo que (re)define de maneira violenta (seja pela violência física ou simbólica) uma “distinção espacial de direitos e de convivência”.

É nas cidades que as desigualdades sociais podem ser percebidas na medida em que a diferença entre os moradores se dá em função do acesso ou da restrição, da boa ou da má qualidade dos serviços a eles prestados. É assim que a própria cidade se configura como lócus da reprodução do capital e suas ruas como espaço de circulação de mão de obra, matéria prima e mercadorias. Sob a lógica de uma racionalidade homogeneizante se produz não apenas mercadorias como também uma forma particular de divisão espacial do trabalho e do consumo na cidade. É assim que:

(...) a vida cotidiana se apresenta tendencialmente invadida por um sistema regulador em todos os níveis, concretizada no espaço como norma – ditos interditos – que formaliza e fixa as relações sociais reduzindo-as a formas abstratas, automatizando as esferas da vida, e como consequência, dissipando a consciência espacial (CARLOS, 2011, p. 65).

A distinção aqui é tratada, portanto, a partir da dimensão espacial¹². É ela um dos muitos elementos produtores de estigmas e da invisibilidade imposta a esses jovens. Na cidade, a ordem espacial possui uma coerência e o seu arranjo físico é um agente ativo - e muitas vezes definidor - de certas práticas sociais, podendo condicionar suas realizações e a forma pela qual essas se manifestam. Dito com outras palavras: a maneira pela qual a cidade se estrutura e se organiza possui intrínseca relação com a realização das práticas de seus habitantes, pois "as práticas sociais são, em certa medida, dependentes de uma dada distribuição ou arrumação das coisas no espaço" (GOMES, 2006, p.64). Isso porque o espaço é tanto o terreno onde elas se realizam quanto a condição para que existam, assim como o quadro que as baliza e lhe dá sentido.

É assim que a experiência de um jovem pobre na cidade acaba sendo atravessada e definida por essa distinção espacial de direitos.

A reduzida mobilidade bem como uma mobilidade centrada em bairros “semelhantes” se por um lado restringem as possibilidades de acesso a serviços, empregos e bens culturais e

¹² Optou-se, neste trabalho, por usar a expressão distinção territorial na medida em que, embora se reconheça o amplo debate existente em torno da possibilidade ou não, da adoção do conceito de segregação para a realidade de cidades como as nossas, este não é o objeto do artigo. Dessa forma, o termo distinção territorial sublinha a qualidade de desigualdade do uso do espaço urbano sem, no entanto, entrar no debate sobre a validade do uso do conceito de segregação. Entende-se, contudo a distinção espacial como sendo a representação espacial da desigualdade social que define no espaço os lugares de cada um na cidade.

educacionais, por outro, também limita a possibilidade da convivência, do reconhecimento das diferenças e das desigualdades que estão incrustadas não apenas nas formas urbanas como também nos usos do espaço da cidade. Tal processo, portanto, acaba por contribuir para a reprodução da sua própria condição de desigual.

A cidade é condição para a realização da dimensão espacial da cidadania, e para a formação de um sujeito corporificado de direitos. Ou seja, aquele cujos direitos são impressos em seu corpo a partir de uma rica experiência fundada na apropriação justa do espaço e na subjetivação dos direitos (RIBEIRO, 2003). Daí, a ênfase na compreensão da cidade como espaço de exercício real e simbólico da cidadania, entendida nas suas diferentes acepções: direito à participação nos valores, direito de participação nos processos decisórios e direito aos recursos institucionais necessários para que a vida social se reproduza a contento.

A cidade e o bairro compreendidos como espaços de exercício da vida implicam uma abordagem que privilegie não somente a discussão física, mas também as relações construídas pelos homens que neles vivem, considerando a dimensão cultural das populações, suas particularidades, seus anseios e não somente suas necessidades.

É nesse sentido que a restrição à mobilidade desses jovens pelas ruas da cidade contribui para a reprodução da sua condição de desigualdade na medida em que não apenas limita as possibilidades de acesso aos bens materiais existentes na cidade, como também aos seus bens simbólicos. Os códigos que organizam não apenas a cidade como a própria sociedade.

Sendo assim, a não apropriação dessa dupla dimensão da cidade (material e simbólica) contribui para a determinação de uma juventude cada vez mais padronizada, estigmatizada e presentificada (BARBOSA, 2011). Presos em sua condição de desigualdade esses jovens produzem e reproduzem sua condição de seres desiguais socioespacialmente.

Isso porque, morar em um bairro periférico significa vivenciar de forma intensa as refrações da questão social geradas pelo capitalismo contemporâneo. Dessa forma, a dinâmica sócio-espacial interfere nas experiências sócio-culturais e nas interações que os jovens realizam com o outro.

Como visto na pesquisa, a circulação dos jovens na cidade é reservada ao centro e aos bairros próximos aos seus. Quando saem de seus bairros, de acordo com as falas expostas, eles costumam ir, acompanhados de amigos do próprio bairro ou de parentes, para bairros contíguos aos seus e que possuem as mesmas características socioeconômicas - bairros pouco dotados de infra-estrutura, de serviços de cultura e de lazer etc. Em grande parte, é a

convivência com a família, a principal causa do deslocamento.

Esse padrão de circulação parece apontar para a identificação de lugares da cidade que seriam reservados aos jovens pobres. Em muitos casos, a circulação é restrita pelo uso da força física (como no caso das brigas entre bairros rivais) e por mecanismos mais sutis que impõem aos jovens um constrangimento apenas por estarem num lugar diferente do seu e com pessoas diferentes.

Por essa razão são em seus próprios bairros que os jovens se sentem seguros e confortados, pois neles estão entre iguais, não vivenciando na pele, e cotidianamente, os mecanismos de restrição, distinção e desigualdade a que se são submetidos. Mas se são a partir deles que experimentam o fato de serem jovens e moradores da cidade, também são neles que esses jovens se encontram alienados dos processos e das ações que tornam seu bairro periférico e que os imobilizam ali.

O risco estaria, dessa forma, em naturalizar sua condição desigual negando ou limitando a estes jovens o futuro. Presos em seus bairros de origem, confinados no acesso aos bens materiais e simbólicos presentes na cidade, imersos em situações precárias de trabalho, alvo de políticas de contenção, vítimas da violência, os jovens pobres de nossas cidades tem sua existência cada vez mais presentificada.

É indiscutível a importância que a localização desses jovens na cidade tem para o entendimento da juventude. Contudo, o que este trabalho pretendeu apontar é a importância de se estar atento aos passos desses jovens pela cidade. Isso porque é pela circulação que os sujeitos vão apreendendo o espaço como o ponto de partida para o conhecimento e a ocupação da cidade. É por este motivo que os passos dos jovens na e pela cidade, os lugares para onde vão e para onde não vão, os motivos de suas escolhas, seus percursos e suas formas de uso da cidade são, em alguma medida, influenciados pela maneira na qual a própria cidade é produzida e organizada. Sendo assim, como enfatizado por Gomes (2006), os itinerários e as paradas são igualmente significativos na medida em que iluminam uma escolha e uma forma de particularizar e valorizar diferencialmente o espaço.

Mas, também, porque o movimento desses jovens descortina estratégias que pretendem superar os limites impostos a sua circulação e que afirmam sua visibilidade e sua presença na cidade como seres políticos. É dessa forma, portanto, que se crê ser possível pensar a juventude e a cidade como categorias políticas superando as leituras que tratam a primeira como abstração e a segunda como objeto. Obrigando-nos a pensar a dimensão política da cidade, a cidade como *polis*, como dimensão espacial da cidadania. O que, evidentemente, nos força a pensar como a cidade pode ser espaço de convivência, de troca,

de celebração a diferença. Espaço material e simbólico para e na construção de estratégias que projetam um futuro possível a esses jovens. Também seres políticos.

Referências

ABRAMO, Helena W. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

BARBOSA, Jorge. Palestra do Prof. Dr. Jorge Barbosa (PPGEO/UFF) no I Seminário de Pesquisa Juventudes e Cidade, realizado no Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora no dia 6 de Outubro de 2011.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III** - Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CASSAB, Clarice. Das correntes de Prometeu à sociedade do não-trabalho: reflexões sobre a centralidade do trabalho a partir da juventude. **Libertas**. Juiz de Fora, v. 1, 2007.

_____. (Re) **Construir utopias: jovem, cidade e política**. Tese de doutorado. Instituto de Geociências. Departamento de Geografia. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009.

_____. Os jovens e a cidade: relações e representações. **Revista de Geografia** (Recife), v. 27, p. 26-39, 2010.

CASSAB, M. A. T. **Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e na incerteza**. Niterói: Intertexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani A. **A condição espacial**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CASTRO, Lucia Rabello. **A aventura urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

CRUZ, José Luis Vianna da. Emprego, crescimento e desenvolvimento econômico: notas sobre um caso regional. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 29. n. 1. p. 29-39, jan/abr. 2003.

GOMES, P. C. da C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2006.

GRUPO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA E ESTUDO EM COTIDIANO E SAÚDE. **Diagnóstico Preliminar Cidade de Palha**. Universidade Federal Fluminense. 2010.

LEFEBVRE, Henri. *Espacio y política*. Barcelona: Península, 1976. _____. A revolução urbana. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

_____. *De lo rural a lo urbano*. 3.ed. Barcelona, Ediciones Península, 1975.

MAYOL, P. et al. A invenção do cotidiano, vol.2. Petrópolis: Vozes, 1996.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Território Usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. In: SILVA, A. da S.; BERNARDES, J. A.; AZURRO, R. C.; RIBEIRO, A. C. T. **Formas em crise – utopias necessárias**. Rio de Janeiro: Arquimedes Editora, 2005.

OLIVEIRA, M. P. de O. A favela e a utopia do direito à cidade no Rio de Janeiro. In: **IX Colóquio Internacional de Geocrítica: Los problemas del mundo actual – soluciones y alternativas desde la geografía y las ciencias sociales**. Porto Alegre, 2007. Disponível em <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24534.htm>> Acesso em setembro de 2010.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura. (Org.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: HUCITEC, 1996, 3ª ed., p.15-20.

SANTOS, Milton. **O Espaço do cidadão**. 2.ed. São Paulo: Nobel, 1993.